

Gabriela Toscano

A modernização da Agricultura apresenta-se como um processo irreversível, destinado a ser incrementado nos próximos anos, especialmente no que tange à mecanização.

Além das necessidades econômicas e sociais do país em aumentar a produção e a produtividade agrícola, o setor industrial está interessado em incrementar o consumo dos produtos manufaturados. Existem, portanto, mecanismos diretos, tais como a pressão dos vendedores e as facilidades de crédito para a compra de máquinas entre outros, que levam a agricultura a absorver cada vez mais técnicas modernas de produção.

Não se está aqui julgando se tal processo é "bom" ou "ruim", deseja-se apenas confrontar esta tendência com o nível técnico-cultural da mão-de-obra agrícola que deverá atuar no processo.

Levantam-se agora, alguns indicadores referentes à capacidade de grande parte dos trabalhadores do setor em assumir tal papel. Parece óbvia a necessidade de um mínimo de instrução básica, que torne o agricultor capaz de dominar a técnica que irá utilizar, de forma a poder, verdadeiramente, beneficiar-se do seu emprego. Também parece imprescindível a aquisição de um grau mínimo de discernimento, capaz de orientar suas decisões em relação às diversas opções possíveis.

Passar do uso de enxada e do arado de tração animal para a operação de um trator, pressupõe um "saltp tecnológico" considerável, principalmente ao se levar em conta que a formação básica de grande parte da população rural, na sua maioria dedicada a atividades agrícolas, é deficiente.

A industrialização e a urbanização do país provocaram a concentração, nas cidades, das principais infra-estruturas de base, tais como rede escolar e saneamento. Isto se faz em detrimento da população rural e, em consequência, da agricultura. Os maiores índices de analfabetismo, baixa instrução e qualificação, como é sabido, encontram-se no campo.

Infelizmente os dados disponíveis não permitem conhecer o grau de instrução da população agrícola por categoria de agricultor (assalariado, grande e pequeno proprietário, "volantes", etc.), o que certamente enriqueceria a análise.

Em 1950, o analfabetismo no meio rural paulista atingia 61% do total da população de cinco anos e mais. Esta participação percentual veio decaindo, tendo sido registrado 46%, 37% e 30%, respectivamente, para os anos de 1960, 1970 e 1976 (quadro 1). Em termos absolutos, a população analfabeta era de 1.096.571 em 1970 e 843.962 em 1976. No país, neste ano, 47% da população rural de 5 anos e mais não sabiam ler nem escrever. A população urbana do Estado, como esperado, apresentava porcentagens de analfabetismo bem menores, 15% em 1976 (quadro 2).

QUADRO 1. - Populações Rural Total, de 5 Anos e Mais e Analfabeta, Estado de São Paulo 1950; 1960; 1970 e 1976.

Ano	Total da população rural	População rural de 5 anos e mais	População rural analfabeta	% de analfabetos na pop. rural de 5 anos e mais.
1950	4.330.212	3.577.411	2.176.544	61
1960	4.779.429	3.970.703	1.845.534	46
1970	3.495.709	2.970.139	1.096.571	37
1976	3.319.367	2.833.887	843.962	30

Fonte: Censo Demográfico 1950, 1960, e 1976 e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - 1976 - FIBGE.

Levantamento de abril de 1978, realizado pelo IEA, estimou em 1.019.629 as pessoas alfabetizadas no total de 1.749.525 habitantes de imóveis agrícolas de mais de 3 ha (excluídos os hortifrutigrangeiros) no Estado. Para obter-se a participação percentual dos analfabetos apenas entre as pessoas de 5 anos e mais, aplicou-se no total de habitantes o percentual de 15% registrado pelos Censos de 1950, 1970 e (PNAD/1976, e equivalente à participação dos menores de 5 anos de idade total da população rural (quadro 3). Estimou-se assim o número de pessoas se 5 anos e

QUADRO 2. - Participação Percentual da População Analfabeta no Total da População de 5 Anos e Mais, por Situação de Domicílio no Estado de São Paulo, 1950, 1960, 1970 e 1976.

(em percentagem)

Ano	População		
	Urbana	Rural	Total
1950	24	61	41
1960	20	46	30
1970	17	37	21
1976	15	30	17

Fonte: Censo Demográfico 1950, 1960, e 1970 - FIBGE e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - 1976 - FIBGE

QUADRO 3. - Participação Percentual da População de Menos de 5 Anos, no Total das Populações Urbana e Rural, Estado de São Paulo, 1950, 1960, 1970 e 1976

(em porcentagem)				
População	1950	1960	1970	1976
Urbana	12	12	11	10
Rural	15	16	15	15
Total	15	14	12	11

Fonte: Censo Demográfico 1950, 1960 e 1970 - FIBGE e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 1976 - FIBGE.

mais habitantes de imóveis agrícolas, sobre o qual se calculou o percentual de alfabetos. Em 1978, cerca de 31% desta população agrícola, não sabia ler nem escrever. Esse percentual resultou em um dado muito próximo ao registrado pelo PNAD em 1976 para a população rural.

Enquanto na população urbana vem diminuindo a participação da população menor de 5 anos de idade, no meio rural esta participação permanece constante (quadro 3). Nota-se, também, que a alfabetização da população rural não se dá nas mesmas proporções entre os dois sexos, sendo maior o analfabetismo entre as mulheres (quadro 4).

QUADRO 4. - Participação Percentual dos Analfabetos Vivendo em Meio Rural no Total da População Rural de 5 anos e Mais, por Sexo Estado de São Paulo, 1970-1976.

(em porcentagem)		
Sexo	1970	1976
Masculino	32	26
Feminino	42	37

Fonte: Censo Demográfico, 1970 - FIBGE e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 1976 - FIBGE

Quanto à população agrícola não residente em meio rural, especialmente os "bóias-frias", pouco se sabe sobre seu grau de alfabetização. Possivelmente, pelo fato de viverem em meio urbano tenham tido acesso a estabelecimentos de ensino. No entanto, alguns dados têm indicado a alta participação da população infantil nos trabalhos agrícolas, o que estaria impedindo um processo normal de escolarização das crianças.

Estudos sobre o grau de introdução entre "volantes" contribuiriam muito para orientar a política de formação e educação da mão-de-obra agrícola.

Em relação aos graus de instrução mais avançados (com maior número de anos de escolaridade), observa-se que apenas 22% da população rural de 10 anos e mais tinham algum curso completo em 1970. Este percentual era de 56% no meio urbano. Entre os rurais com curso completo 91% haviam concluído apenas o curso elementar (quadro 5).

Quanto à qualificação da mão-de-obra, os dados do Censo Demográfico de 1970 indicaram que neste ano existiam 1.099.144 trabalhadores não-qualificados e apenas 23.805 qualificados. Destes, 594 eram técnicos agrícolas e práticos rurais, 793 aradores e 22.418 tratoristas (o Censo Agrícola havia registrado para o mesmo ano, existência de 67.213 tratores).

É nesse quadro, não muito animador, que se vem incentivando profundas mudanças tecnológicas.

Ainda que a situação do Estado de São Paulo seja bem melhor que a maioria dos outros estados da Federação, é inegável a necessidade de se conduzir uma política de formação e capacitação no meio rural, principalmente no que tange à educação de base e valorização do homem.

QUADRO 5. - Total de Pessoas com 10 Anos e Mais com Curso Completo, por Situação de Domicílio Estado de São Paulo, 1970.

Curso	(em percentagem)	
	Urbana	Rural
Elementar completo	74,0	91,0
1º ciclo	12,0	5,0
2º ciclo	10,0	2,0
Superior	2,0	0,5
s/Declaração	2,0	1,5
Total	100,0	100,0

Fonte: Censo Demográfico 1970 - FIBGE.

São Paulo, considerado hoje um dos estados de agricultura mais tecnificada, poderá comprometer seriamente seu programa de modernização agrícola, uma vez que é permitido supor que boa parte da população trabalhadora, não está suficientemente preparada para absorver convenientemente novas tecnologias.